

MARCUSE: GLOBALIZAÇÃO, TECNOLOGIA E CONTROLE

Ivone Ferreira da Fonseca Machado

Mestranda do PPGE da FacMais. Licenciada em História pela PUC-GO.

<http://lattes.cnpq.br/7012177009529437>

E-mail: ivoneffm@yahoo.com.br

Patrícia Pereira da Silva Cirilo

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Inhumas – FACMAIS.

Licenciada em Matemática.

<http://lattes.cnpq.br/9950179591760828>

E-mail: patriciapsc@gmail.com

Joaquim Cirilo Júnior

Licenciado em Matemática.

<http://lattes.cnpq.br/2881634245454048>

E-mail: joaquim.cirilo.jr@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N1-14>

RESUMO: Este artigo, baseado em Marcuse, critica a globalização atual e seu movimento em direção aos chamados modelos consensuais de valor de mercado, o ser humano unidimensional. Essa ideia, que se supõe única, não apenas dita condições concretas e subjetivas para todos, mas se apresenta sobretudo como uma rede hegemônica, e através do sistema social que a reproduz, é determinada pelo Estado. Numa altura em que estes valores coincidem quase na perfeição, este artigo pondera a possível quebra deste modelo. Ao longo do artigo, será mostrado que por trás do discurso da liberdade, a nova sociedade tecnoindustrial impõe certas formas de controle sobre o indivíduo, levando à formação de um sistema social unidimensional além da crítica. Na visão de Marcuse, o propósito do modo de vida industrial não é liberar o indivíduo do trabalho alienado, dando-lhe assim tempo livre para desenvolver seu potencial, mas unir o homem e a natureza em nome do capital.

PALAVRAS-CHAVE: Marcuse. Capitalismo. Globalização. Tecnologia. Controle.

MARCUSE: GLOBALIZATION, TECHNOLOGY AND CONTROL

ABSTRACT: This article, based on Marcuse, criticizes current globalization and its movement towards the so-called consensus models of market value, the one-dimensional human being. This idea, which is supposed to be unique, not only dictates concrete and subjective conditions for everyone, but is presented above all as a hegemonic network, and through the social system that reproduces it, is determined by the State. At a time when these values coincide almost perfectly, this article considers the possible breakdown of this model. Throughout the article, it will be shown that behind the discourse of freedom, the new techno-industrial society imposes certain forms of control over the individual, leading to the formation of a unidimensional social system beyond criticism. In Marcuse's view, the purpose of the industrial way of life is not to free the individual from alienated labor, thereby giving him free time to develop his potential, but to unite man and nature in the name of capital.

KEYWORDS: Marcuse. Capitalism. Globalization. Technology. Control.

INTRODUÇÃO

Desde a publicação do livro “O homem unidimensional” (1964) por Marcuse, entende-se como o estudo da vida social é organizada em sociedades altamente industriais. Essa forma de organização está enraizada na concepção exclusiva da racionalidade, que reduz a existência humana à produção de mercadorias. Em outras palavras, revoluciona o desenvolvimento humano em um modelo de produção industrial. Portanto, pode-se realmente falar de desenvolvimento humano, pode-se dizer que ele se limita a uma única atividade social, uma única dimensão, a reprodução da vida material. Este é o domínio para o qual o pensamento de Marcuse se move na obra em questão.

Nos anos seguintes, Marcuse percebeu que os avanços tecnológicos estavam criando um modo de vida muito confortável para grande parte da população. Eles agora tinham acesso a uma ampla variedade de bens. Trata-se de um fenômeno sem precedentes em qualquer outro período histórico. Criado por sistemas de produção altamente tecnológicos, esse modo de vida é visto pelos indivíduos dessas sociedades como o melhor mundo possível, enfraquecendo assim a ideia de conflito social, modo de vida predominante.

Ameaças são, portanto, uma fachada lucrativa para transformar o mundo da vida na forma como ele existe tecnicamente no mundo. Marcuse está bem ciente das mudanças nos modos de produção pelas quais a sociedade industrial está passando, e ele não está alheio à aplicação dessas mudanças aos estilos de vida individuais. Marcuse está preocupado justamente com essas mudanças e seu impacto no ambiente de vida, especialmente a passividade do indivíduo a esse modo forçado.

Na existência histórica da sociedade altamente industrializada da época, indústrias como a de munições, confecções, automobilística e de entretenimento ligadas ao Estado, ou seja, grandes corporações, intervêm na organização social da vida através do controle de suas necessidades. Elevar o padrão de vida é um meio de dominação imposta pela maquinaria industrial, não uma conquista determinada pela maioria do povo, o coletivo.

Os sistemas de produção predefinem as necessidades individuais, intervêm nas habilidades que os indivíduos precisam no mundo do trabalho e definem atitudes socialmente necessárias e não socialmente necessárias na vida cotidiana. Os indivíduos

são compelidos a atender às demandas comerciais dos equipamentos, que acabam por não apenas fazê-lo voluntariamente, mas também permitiam que a gestão de suas necessidades entre no âmbito do lazer. A linha entre a vida privada e a pública se cruza quando a vida privada deixa de ser um espaço de autocuidado, se liberta da opressão das demandas externas e se sujeita ao mundo das mercadorias: os negócios. A esfera pública não é mais um excelente espaço de interação política entre os indivíduos, mas apenas um espaço de circulação de mercadorias. Quando não há espaço para o auto cultivo, não há tempo para a dignidade. O tempo prevalecente é determinado pelo preço das mercadorias.

O objetivo dessa sociedade é preencher o tempo total de um indivíduo com o consumo. A classe trabalhadora industrial não é mais um elemento hostil na estrutura de classe. Neste marco histórico, ela não representa mais um risco para a ordem do grande capital estabelecida, pois está integrada ao sistema de produção e, conseqüentemente, tem acesso aos benefícios do estilo de vida impostos pelo status quo.

Entretanto, é importante ressaltar que Marcuse faz mais do que diagnosticar com precisão a condição humana dentro do contexto histórico de sua época. Na teoria crítica, o diagnóstico é apenas parte do processo pelo qual os pensadores refletem sobre a sociedade em que se encontram. Como pensador da teoria crítica, Marcuse foi compelido a avaliar alternativas históricas para sociedades industriais avançadas. Isso sugere que não basta criticar as ideologias industriais cujo objetivo final é subordinar os humanos a um padrão de vida estabelecido, mas considerar e destilar opções históricas de emancipação da sociedade em questão com base nessa crítica. Mesmo correndo o risco de ser acusado de utópico ou irrealista, Marcuse acredita ser fundamental que a teoria crítica permaneça cautelosa quanto ao projeto de libertação humana.

A teoria crítica de Marcuse, portanto, não é uma mera negação da realidade estabelecida, nem, como facilmente se poderia acreditar sem uma estreita relação com seus escritos, uma recusa da humanidade em uma sociedade sem tecnologia. Também não é uma proposição regressiva. O que Marcuse critica é justamente o fato de que a conquista científica da natureza e os avanços da tecnologia não libertaram as pessoas da luta pela sobrevivência.

Marcuse mostra a sociedade industrial capitalista afluenta como portadora do progresso e da liberdade individual, e como uma organização tecnológica produtiva cujos

planos, ajustes políticos e culturais, têm potencial para pensamento crítico e podem incluir alternativas às liberdades individuais que podem mudar a sociedade. atual modus operandi.

Entre os objetivos de Marcuse está o desejo de reunir teoria e prática social, fundamentos centrais do pensamento marxista e da teoria crítica. As dificuldades que impedem a transformação fundamental de uma sociedade industrial avançada são imensuráveis, e Marcuse não se cansa de apontá-las em suas discussões, mas "O Homem Unidimensional" é apenas uma obra de contemplação teórica que não pode ser interpretada. Além disso, o fato de a classe trabalhadora industrial se consolidar à medida que usufrui dos benefícios do sistema de produção capitalista sugere que Marcuse viu a rebelião dos marginalizados em busca de outras possíveis forças de resistência social.

O MERCADO E O HOMEM UNIDIMENSIONAL

Para Marcuse (1982), o humano unidimensional refere-se principalmente a um modo de vida compatível com o capitalismo dominante, ampliado consensualmente e com maior tendência a generalizar por meio de estruturas sociais. Por um lado, esse "humano" avança com suposições. É influenciada pelo mercado através das áreas econômica, social, política, cultural, científica e tecnológica. Por outro lado, ainda permeia o domínio subjetivo, especialmente por meio da geração de desejos inconscientes. Portanto, esta "unidimensionalidade" está agora em todo o planeta.

Marcuse (2001) reinterpreta os pressupostos de Freud em favor de uma sociedade que elimina a exploração capitalista e cria novos princípios de realidade. Para que produtividade? A resposta é: para atender às suas necessidades. Mas quando o conceito de necessidade envolve a destruição de alimentos, roupas, moradias, bombas, máquinas caça-níqueis e produtos vendáveis, é igualmente inútil para determinar o que é produtividade legítima. É desonesto. A produtividade parece cada vez mais um fim em si mesma, e a questão de seus benefícios não apenas permanece sem solução, mas é cada vez mais reprimida.

O filósofo argumenta que o progresso na unidimensionalidade não é oculto, mas é revelado principalmente por meio de uma função de retransmissão social única, a rede

de instituições sociais. Tais redes não apenas veiculam a ideologia de suplementar necessidades básicas e necessidades não básicas, mas também adotam modelos que partem de vidas e vidas simbólicas, visando uma hegemonia mais geral. A produção de subjetividade que interfere no mais instintivo do indivíduo: a produção de desejos inconscientes.

Em outras palavras, o trabalho ideológico para necessidades reais e imaginárias não deixou de ser importante, mas a unidimensionalidade se torna mais efetiva quando a subjetividade hegemônica entra em jogo. Claramente, tudo isso é feito por meio de instituições. Ou seja, o sistema familiar, o sistema educacional, o sistema de trabalho estão envolvidos. Dessa forma, cada indivíduo aprende a seguir o chamado modelo de vida feliz em uma sociedade de consumo.

Conforme Marcuse (1982), uma sociedade globalizada é tanto uma sociedade humana unidimensional quanto uma sociedade de alta tecnologia. Infelizmente, a automação e a tecnologia atual nos deram condições de nos afastarmos do trabalho marginalizado, mas está acontecendo o contrário. A globalização explora esses fatores para exercer um controle poderoso sobre diferentes indivíduos. Agora não há apenas um alto nível de automação ou tecnologia aqui, mas também mecanismos sutis de controle.

Por fim, a rigor, ao nos apegarmos a esse modo de vida, nos submetemos a uma racionalidade tecnológica altamente totalitária. O poder político agora se afirma através do poder sobre a organização técnica de processos e dispositivos mecânicos. Os governos das sociedades industrializadas e em desenvolvimento só podem ser mantidos e assegurados mobilizando, organizando e fazendo bom uso da produtividade técnica, científica e mecânica de que a civilização industrial dispõe.

Essa racionalidade hegemônica, aliada aos desenvolvimentos tecnológicos e científicos que permeiam diversos indivíduos e grupos, firmou-se como uma suposta verdade, e é agora, como se fosse um moderno dito clero. Como um espelho, discrimina e marginaliza aqueles que não se enquadram em seus pressupostos. Em outras palavras, essa chamada força de concordância ou racionalidade unidimensional é exercida não apenas através das redes de instituições sociais e do aparato tecnológico que delas surgem, mas também de formas paradoxais cotidianas.

A liberdade é usada e promovida, até mesmo exercida para controlar as relações sociais, mas na realidade só a suposta liberdade pode beneficiar o mercado. Onde a liberdade de expressão na arte e na própria vida cultural é defendida, tal ação é encorajada desde que a economia globalizada nunca seja ameaçada.

Uma aliança entre sociedades unidimensionais, cultura e arte é um ingrediente essencial para a supremacia de cada ordem. Entre as várias razões em destaque, se no passado a cultura e a arte foram lugares de possível ruptura a priori, na ordem atual a situação inverteu-se a esta aliança. Hoje, a cultura e a arte são, via de regra, as maiores aliadas em prol do comércio e da comercialização, com raras exceções. Em suma, é a produção destas duas áreas que acaba por ser reduzida a uma mera indústria cultural.

Afeta não só aqueles que simpatizam com o produto/marca, mas também contribui para a perda do lucro da megacorporação, o potencial herói/revolucionário de lucro e subordinando o processo do desejo inconsciente aos interesses do capital, pode parecer que para o público externo o indivíduo está no controle, mas na verdade o problema social aqui é o mercado. Tudo isso parece ser feito sob a naturalização dos fatos. Para Marcuse, este acontecimento é, acima de tudo, que o capitalismo está agora colonizando o reino da subjetividade humana, tendo como aliados tanto a ciência da mente quanto a cultura e a arte, tornando a consciência desperta cada vez menos primária.

A GLOBALIZAÇÃO E AS INSTITUIÇÕES

A principal herança da análise institucional, segundo Lapassade (1977) é mediar entre as realidades individuais e sociais e traduzi-las em três níveis principais de compreensão social: grupos, organizações e instituições. Os grupos são a base da ordem geral e da nossa vida diária. A ordem precisa mais que tudo que exista através de suas leis e códigos. Quando estamos inseridos socialmente em vários grupos, somos amarrados nesses grupos estabelecidos. É uma espécie de “cola” social que prende os sujeitos a ordem dominante vigente.

Por outro lado, se essa medida leva à captura em favor da ordem dominante, ela revela grande potencial de mudança por parte de grupos em diferentes contextos políticos. Aqui, teoricamente, colidem duas forças poderosas que permeiam todas as instituições.

Esta organização atua como uma ponte entre a sociedade civil e os líderes nacionais. Caracterizado principalmente por aspectos burocráticos, refere-se a toda a função administrativa, tanto no estado quanto no setor privado. Organização de nível executivo refere-se à administração, incluindo a transmissão de ordens e políticas de funções, incluindo a forma jurídica. Claramente, esta é uma característica essencial para o bom desempenho de qualquer instituição. Você não precisa necessariamente praticar tediosamente.

Refiro-me, portanto, àqueles momentos infelizes em que se torna apenas um veículo para os benefícios mesquinhos de seus funcionários, levando ao carreirismo e usando as mesmas palavras administrativo e/ou burocrático. Eles são realizados de duas maneiras: uma é que eles têm a capacidade de contar com especialistas que o fazem bem, esforçando-se para garantir que as atividades-fim da instituição sejam realmente do interesse de seus usuários. Aqui esse fato se deve a práticas de trabalho de qualidade, mas sem reduzi-lo a mero produtivismo, pois será superado (BAREMBLITT, 1992).

Todas as organizações contêm instalações. A referida facilidade não é apenas uma organização que se manifesta através do aspecto micro organização, mas também se manifesta na realidade concreta. Assim, se os encontrarmos em vários locais da estrutura social, estamos falando de uma série de chamadas pequenas organizações que existem em endereços fixos na concretude da realidade social.

De acordo com Althusser (1980), falar da instituição como um aparato ideológico do estado concentra-se principalmente na função do estado capitalista de se sustentar, apoiá-lo, garantir sua produção e reproduzir sua ideologia dominante. Precisa-se de um conjunto de grupos. Com isso em mente, e a título ilustrativo, este "estado" só pode existir se tiver também um conjunto de aparelhos ideológicos do Estado: famílias, escolas, hospitais, igrejas, etc. As escolas (assim como outras instituições estatais, como igrejas e outras instituições, como os militares) transmitem know-how de forma a garantir a submissão às ideologias dominantes ou o domínio de suas práticas.

TECNOLOGIA E DOMINAÇÃO

Marcuse via a tecnologia, nas sociedades altamente industrializadas da segunda metade do século XX, como modo de produção e a organização racional da vida apenas como um meio de estabelecer uma relação com a natureza e, sobretudo, um meio de dominá-la. Entre as muitas possibilidades de uso não opressivo desse meio nessas sociedades, os humanos escolhem um caminho. É a conquista da natureza com o objetivo de garantir a manutenção do modo de vida industrial estabelecido. De acordo com Marcuse, nenhum outro momento histórico demonstrou o potencial da tecnologia para controlar a vida mais plenamente do que nas sociedades altamente industrializadas.

Uma análise detalhada não parece necessária para determinar a razão desses eventos. Quanto ao Ocidente, velhos conflitos dentro da sociedade estão sendo retificados e resolvidos sob a dupla (e inter-relacionada) influência do progresso tecnológico e do comunismo internacional. A luta de classes se enfraquece e a “contradição imperialista” se resolve diante das ameaças externas. A sociedade capitalista mobilizada contra essa ameaça exibe uma unidade e coesão internas desconhecidas nos primeiros estágios da civilização industrial. É sobre a ligação por uma razão muito importante. A mobilização contra o inimigo é um poderoso estímulo à produção e ao emprego, e mantém um alto padrão de vida (MARCUSE, 1982).

O efeito do potencial dominante da tecnologia, agora realizado na prática, é evidente não apenas na transformação da paisagem natural do mundo do Hemisfério Norte, mas também em seu efeito direto na natureza humana: a relação íntima entre o indivíduo e o ego. Isso também pode ser visto na relação intersubjetiva. É um lugar especial para mostrar a influência desse campo tecnológico é nas relações de produção (aqui entende-se a inclusão do consumo nessas relações). Assim, pode-se dizer que a tecnologia moderna não visa a integração harmoniosa do homem com a natureza externa. Seu propósito é manipulá-lo como um mero objeto, o mesmo processo de manipulação da natureza humana.

A natureza externa do homem é desmitificada por Bacon (1997) e deve ser domesticada pela racionalidade científica. Segundo Bacon, o real poder do homem residia em apresentar-se como senhor supremo da natureza. A intensidade que dissecamos e manipulamos a natureza, provoca nos humanos sua superioridade sobre todos os seres vivos do mundo, além de garantir sua segurança contra desastres naturais e intempéries.

É o trabalho e o propósito do poder humano produzir e introduzir novas qualidades em um determinado corpo. A primeira é transformar objetos concretos uns nos outros na medida do possível. Em segundo lugar, a descoberta da geração total e do movimento do processo contínuo latente do agente manifesto à forma implícita, e também da esquematização latente de corpos estacionários e imóveis (BACON, 1997).

O propósito do poder humano, portanto, é analisar as propriedades da natureza para entender seu "movimento e manipulação" e manipular a composição de seus constituintes. Esse gesto permite que os humanos alterem artificialmente a natureza. Com Bacon, o homem se libertaria da noção grega de substância e existência causal na natureza, e estabeleceria o conhecimento científico como fonte do verdadeiro conhecimento. Ao fazer essa escolha, Bacon descobrirá que precisa lutar com seus sentidos e imaginação. Além disso, para que a investigação científica seja bem-sucedida, é necessário adotar algum método que evite que nossas mentes se desviem da objetividade preconizada por Bacon, sem a qual o verdadeiro conhecimento não pode ser obtido.

O entendimento humano, em virtude de sua natureza peculiar, prontamente assume maior ordem e regularidade no que realmente está nele. Ele imagina paralelos, correspondências e relações que não existem, assim como o mundo natural é cheio de diferenças e peculiaridades. Porém, o maior embaraço e desperdício de intelecto surgem da estupidez, incompetência e ilusão, de tal forma que as coisas que tocam os sentidos têm precedência sobre as coisas mais importantes, mesmo que não tenham um impacto imediato (BACON, 1997).

Portanto, para realizar pesquisas verdadeiramente científicas com o objetivo de dominar a natureza, é necessário criar uma nova base metodológica para a compreensão da natureza do corpo que não requeira imaginação ou sentidos. Em outras palavras, para dominar a natureza é preciso erradicar da razão todas as formas de conhecimento que impedem os indivíduos de realizar experimentos científicos empíricos é o pioneirismo científico do pensamento de Bacon.

Marcuse (1999) abordou a supressão da racionalidade autônoma. Isso é suprimido pelo pensamento sujeito às leis da grande máquina de produção. O autor nasceu como uma atitude crítica e rebelde, derivando a liberdade de ação da liberdade de pensamento

e consciência desenfreados, mediando todas as normas e relações sociais através do auto interesse racional do indivíduo.

A racionalidade precisa de obediência e ajustamento incondicional, e consequentemente o verdadeiro valor associado a essa racionalidade necessita da subordinação do pensamento a padrões externos pré-estabelecidos. Nesse sentido, um indivíduo racional é uma pessoa que confia seu destino às grandes corporações e organizações que dirigem a organização, e que aceita e executa o que está destinado a fazer com mais eficiência. Em outras palavras, não é exagero dizer que, desde a Revolução Industrial, o conceito de indivíduo entrou em um processo de mudança gradual e o desempenho social gratuito passou a ser medido em termos de eficiência corporativa.

Se o propósito original da ciência e da tecnologia moderna fosse estabelecer formas eficientes de domínio e exploração da natureza para que os humanos pudessem viver melhor no mundo, isso levaria à desilusão com o mundo. O controle da natureza sobre o reino da sociedade. Com o alto desenvolvimento tecnológico, a natureza parece ter perdido todas as suas qualidades inerentes que lhe garantiam uma margem irredutível dada a dimensão do sistema produtor de mercadorias. Assim, o homem atuaria de acordo com as normas para garantir o funcionamento do aparelho e manter minha vida.

A ligação entre o ser humano e a natureza torna-se inteiramente instrumental, pois os tipos de conhecimento que o homem intervém na natureza seguem os critérios metodológicos das ciências naturais. Instrumental, portanto, significa não apenas coisas, mas também a manipulação de pessoas com o objetivo de criar vida material. A tecnologia como método de produção, a totalidade das máquinas, dispositivos e invenções é, portanto, ao mesmo tempo, uma forma de organizar e manter (ou formar) relações sociais, manifestação, domínio do pensamento, padrões de comportamento, meios de controle e dominação (MARCUSE, 1999)

O que Marcuse afirma claramente é que esse progresso tecnológico das sociedades industriais avançadas é resultado de um declínio da autonomia racional para determinar os valores que deveriam orientar a existência do indivíduo, e que as formas de relações sociais, isso significa que estamos mudando a maneira como interagimos com a sociedade como resultado de uma sociedade organizada. É bem diferente do que acontecia com os indivíduos na sociedade burguesa na fase pré-histórica da civilização industrial avançada,

quando os valores que regiam a racionalidade individual não eram condicionados pelas mercadorias.

A violência da racionalidade técnica visa, portanto, alcançar um duplo objetivo. A primeira é dominar a natureza e privar as pessoas de sua natureza humana e espaço para brincar livremente. A segunda é canalizar essas energias vitais para atender às necessidades que o indivíduo pensa serem suas, mas que na verdade são determinadas pelo dispositivo.

AS FORMAS DE CONTROLE

Como as ideologias das sociedades industriais avançadas são assimiladas pelos indivíduos através do processo de identificação com a realidade, fica claro que as culturas industriais modernas usam mais ideologias dominantes do que as sociedades capitalistas que as precederam. De forma provocativa, esse argumento revela a dimensão política da racionalidade tecnológica vigente. Nela, o aparato de produção e os bens e serviços que ele produz vendem a si mesmos ou impõem pensamento e comportamento unidimensionais ao sistema social como um todo. Daí decorre que a eficácia no sentido de relações técnicas é ao mesmo tempo eficácia no sentido de eficiência benéfica, e a racionalização é ao mesmo tempo padronização e concentração exclusivas (MARCUSE, 1999b).

Marcuse argumenta que, na análise das sociedades tecnoindustriais, o fortalecimento de tendências unidimensionais de pensamento e ação pode estar relacionado ao desenvolvimento do método científico, que se manifesta na operacionalização da física. Uma característica fundamental aqui é o uso do empirismo no tratamento de conceitos cujo significado se limita a representar operações e ações, independentemente de propósito ou teleologia. Nesse sentido, o pensamento centralizado no quadro político é facilitado pelo corpo técnico e pelos meios de comunicação de massa. Seu mundo de discursos nasce de hipóteses auto-validantes, que de forma perpetuamente e unilateralmente recorrentes se transformam em prescrições que atuam como meio de alienação.

Mas as práticas e limitações do pensamento unidimensional não são novas. Desde suas origens, o racionalismo moderno, tanto em sua forma especulativa quanto empírica, por um lado, é uma maneira racional e altamente crítica de pensar no método científico e filosófico, e uma atitude em relação às instituições sociais estabelecidas.

Segundo Marcuse, a peculiaridade de uma sociedade unidimensional é que ela impede ou elimina todas as ações e ideias contrárias a ela, torna possível a mudança qualitativa e é portadora de uma nova existência. Nesta sociedade, o papel da razão se limita a manter o status quo. Assim, razões teóricas e práticas – ativismo acadêmico e social – se encontram no espaço da sociedade avançada, onde o progresso científico e tecnológico se transforma em poderosas ferramentas de dominação.

Para Marcuse, o progresso tecnológico desde o nível do desenvolvimento vai além do âmbito das necessidades. Pois a tecnologia, utilizada como meio de exploração e controle, limitando assim sua racionalidade, se submete ao jogo livre na luta pela pacificação. Pela paz da natureza e da sociedade, ou seja, a paz da existência.

A transformação qualitativa de novos seres não é apenas um subproduto da mudança econômica e política, mas o resultado natural das novas instituições que fornecem as condições necessárias para essa transformação, e requer uma mudança nos fundamentos teóricos sobre os quais a sociedade é construída. Assim, a tecnologia da industrialização é uma tecnologia política, uma consciência das possibilidades da razão e da liberdade.

Por fim, a razão tecnológica mostra seu lado político quando se torna um efetivo mecanismo de controle que constrói ao seu redor um universo totalitário, onde a sociedade, a natureza, a mente e o corpo são mantidos em estado de intensa mobilização para proteger seu sistema de controle.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em “O homem unidirecional”, pode-se ver reflexões centradas nos temas do poder e da crítica. Ambos os temas permeiam o cerne desta obra, construindo um texto poderoso o suficiente para provocar choque e despertar o indivíduo para sua necessidade de libertação. Mesmo que discretos, os argumentos de Marcuse visam oferecer aos leitores

a possibilidade de experimentar a vida de forma diferente do mundo industrial avançado. As reflexões sobre o poder são fruto de um diagnóstico preciso baseado no conceito de dominação. Marcuse tece sua crítica dos sistemas econômicos, políticos e culturais das sociedades industriais avançadas a partir das ideias que impulsionam o poder.

Para Marcuse, a característica mais marcante dessa força é o fato de ser técnica. Ao dizer que ela é multifacetada, significa que ela permeia as relações sociais de forma muito abrangente. Isso porque o poder tecnológico é constituído por uma rede de forças complementares, como a publicidade e a indústria do entretenimento: complementares não no sentido de que a influência possa ser pequena em relação a alguma força maior, mas porque dependem da estrutura da matriz. A indústria de publicidade e entretenimento é uma vitrine desse sistema e tem papel fundamental ao infundir na vida humana falsas necessidades como se fossem necessidades da vida. A crítica à produtividade é considerada ilógica.

A tecnologia não é mais apenas uma ferramenta para absorver a energia vital dos indivíduos para produzir mercadorias no trabalho duro e desumano que Marx usava no século XIX. Mas no contexto histórico das sociedades industrializadas, Marcuse diz que a tecnologia determina o ritmo do trabalho e da vida além das fábricas e escritórios. Ou seja, a tecnologia abandona suas particularidades fixas. Seu objetivo é minimizar os obstáculos na luta humana pela sobrevivência e assumir um caráter universal independentemente do problema da exploração, isto é, do trabalho marginalizado.

Enquanto os humanos existem, eles vivem suas vidas cercados por objetos tecnológicos. Como resultado, o impacto dos aparatos tecnológicos se reflete, sem dúvida, no comportamento individual nas áreas de trabalho e lazer. Os indivíduos gastam seu tempo de lazer coordenando equipamentos em vez de gastá-lo em seus próprios interesses. O poder tecnológico administra adequadamente as horas de trabalho das pessoas, a produção e o consumo de bens e o resto de suas vidas. Nada está imune a isso. Assim, no contexto histórico das sociedades industriais avançadas, não há mais esferas específicas de existência livres das forças da tecnologia. Portanto, não há espaço para que os homens não sejam vítimas desse domínio do poder.

Em nossa era contemporânea de sociedades altamente industrializadas, é precisamente a perda da vida ética que se ganha com a riqueza na produção de

mercadorias materiais. A racionalidade tecnológica opera em um sentido estritamente reverenciado, negando aos indivíduos uma maior experiência de vida para além da produção e do consumo. Marcuse também leva em conta a pluralidade da sensualidade, em oposição à vida falsa e destrutiva da produção em massa, armas mortíferas e grande capital, uma vida que cega o indivíduo da verdade. Conclui que é algo que requer uma organização mundial para colocar. Uma pessoa que consiste em fazer o melhor desenvolvimento humano possível na sociedade sem os medos impostos pelo sistema.

Todo aparelho político, cultural e tecnológico é neutro e isento de ideologias dominantes e visa, assim, promover a autonomia, a emancipação e a pacificação da sociedade como um todo. Na verdade, é usado como um mecanismo de controle e pressuposto para a formação do pensamento unidimensional. As sociedades industriais tornam-se irracionais quando aproveitam a ciência e a tecnologia para dominar os humanos e a natureza, usam seus recursos com mais eficiência do que nunca e facilitam novas dimensões do desempenho humano. Portanto, a raiz do problema é o vício humano. Se essa euforia é causada por um estilo de vida tecnológico, a desintoxicação requer a interrupção do fluxo desse estilo de vida. Em outras palavras, clama pela cessação da existência que não tem tempo para si e não tem tempo suficiente para consumir.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

BACON, Francis. **Novum Organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza e Nova Atlântida**. Trad. José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

BAREMBLITT, G. F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. Copydesk: Renato Rosário Carvalho. Revisão: Maria Thereza Duarte, João Henrique de Assis Machado, Cristina Possidente, Antonio dos Prazeres. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.

LAPASSADE, G. **Grupos, organizações e instituições**. Tradução de Henrique Augusto de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional.**

Tradução de Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARCUSE, H. **Algumas implicações sociais da tecnologia moderna.** In:

MARCUSE, H. Tecnologia, guerra e fascismo. Trad. Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: Unesp, 1999. p. 71-104.

MARCUSE, H. **Tecnologia, Guerra e Fascismo.** Tradução de Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: UNESP, 1999b.

MARCUSE, H. **A noção do progresso à luz da psicanálise.** In: MARCUSE, H.

Cultura e psicanálise. Tradução de Wolfgang Leo Maar, Isabel Loureiro e Robespierre de Oliveira. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Data de submissão: 07/03/2023. Data de aceite: 09/03/2023. Data de publicação: 11/03/2023.